

## RUA PINHAIS

Decretonº 5070 de 26-01-1977.



- 84 — RUA PAMPAS — Formada pela rua 12 do J. das Andorinhas, com início à Rua 10 e término à Rua um do mesmo loteamento.
- 85 — RUA NORDESTE — Formada pela rua 13 do J. das Andorinhas, com início à Rua 2 e término à Rua 6 do Mesmo loteamento.
- 86 — RUA SERIDO — Formada pela rua 14 do J. das Andorinhas, com início à Av. 1 e término na divisa do loteamento.
- 87 — RUA AGRESTE — Formada pela rua 15 do J. das Andorinhas, com início à Rua 5 e término na divisa norte do loteamento.
- 88 — RUA PENEDOS — Formada pela rua 16 do J. das Andorinhas, com início à Av. 1 e término na divisa leste do loteamento.
- 89 — RUA SALINAS — Formada pela rua 17 do J. das Andorinhas, com início à Rua 8 e término à Rua 18 do mesmo loteamento.
- 90 — RUA IGAPOS — Formada pela rua 9 do J. das Andorinhas, com início à Rua 16 e término à Rua 18 do mesmo loteamento.
- 91 — RUA AREAL — Formada pela rua 8 do J. das Andorinhas, com início à Av. 1 e término na divisa leste do loteamento.
- 92 — RUA FLORESTA — Formada pela rua 20 do J. das Andorinhas, com início à Avenida 1 e término à Rua 24 do mesmo loteamento.
- 93 — RUA PINHAIS — Formada pela rua 21 do Jardim das Andorinhas, com início à Avenida 1 e término à Rua 22 do mesmo loteamento.
- 94 — RUA LITORAL — Formada pela rua 22 do Jardim das Andorinhas, com início à Avenida 1 e término à Rua 25 do mesmo loteamento.
- 95 — RUA SAVANAS — Formada pela rua 23 do Jardim das Andorinhas, com início à Rua 22 e término na divisa nordeste do loteamento.
- 96 — RUA CASTANHAL — Formada pela rua 24 do Jardim das Andorinhas, com início à Rua 20 e término na divisa sul do loteamento.
- 97 — RUA CARNAUBAL — Formada pela rua 25 do J. das Andorinhas, com início à Rua 26 e término na divisa sul do loteamento.
- 98 — RUA VINHAL — Formada pela rua 26 do J. das Andorinhas, com início na divisa nordeste do loteamento e término na divisa sul do loteamento.
- 99 — RUA FURNAS — Formada pela rua 27 do Jardim das Andorinhas, com início à Rua 3 e término à Rua 4 do mesmo loteamento.
- 100 — AVENIDA ITATIAIA — Formada pelas ruas 12 do Jardim Itatiaia, Avenida 1 do Jardim Itatiaia e Avenida 1 do Jardim das Andorinhas, com início na divisa sudoeste do Jardim Itatiaia e término na divisa nordeste do Jardim Andorinhas.
- 101 — AVENIDA DAS ANDORINHAS — Formada pelas Avenidas 2 do Jardim das Andorinhas, 2 do Jardim Itatiaia e rua 8 do Jardim Itayú, com início na divisa norte do Jardim das Andorinhas e término na divisa sul do Jardim Itayú.
- 102 — RUA ITAPARICA — Formada pela rua 1 do Jardim Itayú, com início à Rua 8 e término na divisa leste do loteamento.
- 103 — RUA ITAMARACA — Formada pela rua 2 do Jardim Itayú, com início na divisa do loteamento e término à Rua 1 do loteamento.
- 104 — RUA ITAPICURU — Formada pela rua 3 do J. Itayú, com início à Rua 5 e término na divisa leste do loteamento.
- 105 — RUA ITAPEMIRIM — Formada pela rua 4 do J. Itayú, com início à Rua 5 e término na divisa norte do loteamento.
- 106 — RUA ITACOLOMI — Formada pela rua 5 do J. Itayú, com início à Rua 2 e término na divisa norte do loteamento.
- 107 — RUA ITABORAÍ — Formada pela rua 6 do J. Itayú, com início à Rua 3 e término na divisa norte do loteamento.
- 108 — RUA ITAUNA — Formada pela rua 7 do J. Itayú, com início à Rua 3 e término na divisa leste do mesmo loteamento.
- 109 — AV. LAGEADO — Formada pela Av. 3 do J. das Andorinhas, com início à Rua 2 e término na divisa norte do loteamento.
- 110 — AV. MARAJOARA — Formada pela Av. 4 do J. das Andorinhas, com início à Rua 1 e término na divisa norte do loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 25 de janeiro de 1.977.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES  
 Prefeito do Município de Campinas  
 DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
 Secretário dos Negócios Jurídicos  
 ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI  
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 31305, de 6 de dezembro de 1976; e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em data supra.

DR. ARMANDO PAOLINELLI  
 Chefe do Gabinete



## BRASILIANA de Boleo

ernani Silva Bruno

### PINHO

**N**INGUEM por certo ignora a importância — e também os problemas — da indústria do pinho, cujo embasamento geográfico é a zona imensa das araucárias, que se estende pelo planalto do Paraná e de Santa Catarina e atinge uma parte do noroeste do Rio Grande do Sul.

A extração do pinho começou a se revestir de significação econômica a partir de fins do século passado para o começo do atual. Depois do fracasso de uma serraria instalada à margem da estrada da Graciosa (de Curitiba a Antonina), em 1874, pela Companhia Florestal Paranaense, a indústria madeireira começou a dar os seus primeiros passos em torno de 1888 (no ano anterior se inaugurara o caminho-de-ferro entre Curitiba e a costa) — e nos primeiros anos deste século já se exportava pinho do Paraná para varias partes do Brasil, exportação que se avolumou (conquistando mercados no Exterior) por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O pinhal encerra em seu conjunto — como tem sido observado — intensa atividade humana, e as serrarias para beneficiamento (com suas dependências, galpões, terreiros e casas de trabalhadores) ostentam o aspecto de pequenas vilas movimentadas.

São duras as tarefas no pinhal Desbravando a mata e abrindo picadas, vai na frente o "marcador", que assinala as arvores que devem ser abatidas. Em seguida há o trabalho dos "torceiros", encarregados da derrubada e do preparo dos toros e do seu descascamento. Prontos os toros, entra em ação o "estaleirador" ou "boiadeiro", que carregada o produto, preso por correntes de ferro e puxado por bois, para uma clareira onde ele aguarda o transporte para a serraria, em carros de tração animal ou em caminhões.



Como se sabe, o pinheiro (em forma de madeira serrada, de madeira beneficiada ou de compensado) é utilizado em obras de marcenaria, carpintaria, caixotaria. Sua fibra, na fabricação de papel. Sua resina produz alcatrão, breu, pixe. Os nós que saem da base dos ramos têm aplicação na manufatura de objetos de luxo. E a casca e os galhos podem ser utilizados como combustíveis.

Alguns dos problemas da indústria de exploração dos pinhais se prendem à própria conservação dessa riqueza vegetal através do reflorestamento, que vem sendo intensificado, pelo Instituto Nacional do Pinho, desde 1944. Porque, nos municípios que rodeiam Curitiba, por exemplo, já não existem mais reservas de pinheiros. Recuando, por assim dizer, para o oeste, as reservas de araucárias ficam cada vez mais afastadas das estações ferroviárias e dos portos, em áreas de acesso extremamente difícil.



## PINHO

## Aaucaria Brasiliensis, o pinho do Paraná

Dentre as culturas extrativas vegetais praticadas no Brasil, a do pinheiro do Paraná, Araucária brasileira, destaca-se não apenas pela sua importância na formação da renda interna dos Estados produtores, mas também pela sua contribuição para a balança cambial do país.

Encontrado nos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, em menor intensidade, em São Paulo e Minas Gerais, o pinheiro, nestas áreas, cresce até uma altura máxima de 25 m., com um diâmetro que varia entre 50 e 90 cm. Além da madeira produz também o pinhão, fruto grandemente apreciado na região. O seu rendimento, como madeira de corte, é estimado em 1,5 metro cúbico de madeira serrada, o que representa cerca de 75% da árvore abatida.

Em 1950 as reservas florestais de pinheiros nos Estados sulinos eram estimadas em 300 milhões de pés, assim distribuídas: Paraná: 210 milhões, sendo 151 milhões, ou seja, 72% com diâmetro menor do que 40 cm., isto é, o limite inferior para utilização econômica; Santa Catarina: 72 milhões, dos quais 38 (53%) com menos de 40 cm. de diâmetro; Rio Grande do Sul: 15 milhões, com apenas 5 milhões industrializáveis.

Após a derrubada, os toros são encaminhados às serrarias, onde são transformados em pranchões, vigas, caibros, etc. Depois de serrada a madeira é submetida a um processo de secagem, que pode ser natural ou artificial, a fim de diminuir o seu grau natural de umidade. Como complemento da secagem, a madeira é impregnada de substâncias tóxicas (fluoreto de sódio, sulfato de zinco, querosene, bicloreto de mercúrio ou creozoto) com o intuito de se preservar a sua estrutura.

Pelo decreto n. 30.325, de 21 de dezembro de 51, as madeiras de pinho foram classificadas em dois grupos (tábuas, pranchas e serrafos; caibros, vigotas, vigas e pranchões) e em quatro tipos, segundo a qualidade e os processos de beneficiamento, para efeito de exportação.

Segundo os dados do Instituto Nacional do Pinho, existiam no final de 1959, nos Estados sulinos, 2.747 serrarias trabalhando apenas com pinho, 327 mistas e 1.857 serrando pinho apenas para o consumo local. No setor de beneficiamento, laminados, compensados, pasta mecânica (indústria de papel), fósforos, marcenaria, tanoaria e carpintaria, registrou-se, neste ano, 3.591 estabelecimentos.

Ao contrário do que este número relativamente elevado de estabelecimentos fabris poderia indicar, verifica-se neste setor da economia nacional um baixo grau de industrialização. 80% da madeira de pinho chega ao mercado sob a forma de tábuas serradas sem qualquer beneficiamento. No Paraná, o maior estado beneficiador, apenas 30% da produção anual apresenta-se como pinho beneficiado, laminado, compensado ou cabos de vassouras. Em Santa Catarina esta porcentagem cai de 16,7% e, no Rio Grande do Sul, a 12,7%.

O quadro abaixo retrata a produção, em metros cúbicos, de pinho no país, no período 54-59:

	Pinho serrado	Pinho beneficiado	Cabos de vassoura	Laminados	Compensados	Total
1954	3.187.542	684.758	29.971	82.325	68.168	4.052.764
1955	3.393.331	624.495	16.374	114.669	74.371	4.223.240
1956	2.866.219	666.730	12.378	117.199	73.140	3.735.666
1957	2.694.839	555.395	9.800	98.106	65.632	3.423.772
1958	2.879.000	623.561	9.928	72.367	80.012	3.664.868
1959	2.669.852	506.268	8.808	67.313	70.943	3.323.184

Esta produção vem representando nos últimos nove anos 15,8% da renda interna de Santa Catarina, 8,5% no Paraná (após a intensificação da cultura do café esta porcentagem caiu de 12,4% para 8,5% e 2,5% no Rio Grande do Sul).

Embora a maior parte da produção nacional de pinho seja consumida internamente (o Estado da Guanabara consome anualmente 401,2 mil metros cúbicos e o Estado de São Paulo 857,4), esta madeira se constitui em importante fonte de divisas para o país. O nosso principal mercado externo é o argentino, que absorve aproximadamente 64% das nossas vendas para o exterior. Em escala decrescente aparece a Inglaterra (11%), Uruguai (10%), Alemanha (7%), Austrália (3%), Estados Unidos (3%), e o conjunto Holanda, Benelux e União Sul Africana com 2%.